

“DO GIZ ÀS MÍDIAS INTERATIVAS: O MODELO EDUCACIONAL À DISTÂNCIA CONTRIBUINDO PARA FORMAÇÃO DO CID@DÃO VIRTU@L”

Patrícia Couto da Silva
mpercouth@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq.br/9253288147122608>

Raimundo Santos Leal
leal.raimundo@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6195539873345042>

INTRODUÇÃO

O frenético e desenfreado compasso ditado pela tecnologia vem determinando novas formas de desenvolvimento em sociedade. Ao passo que evoluímos tecnologicamente sofremos mudanças radicais em todas as esferas desde a organização do espaço, passando pela economia globalizada, chegando até novos modos de convivência, relacionamento e educação.

A tecnologia chegou para revolucionar o sistema educacional, em contra partida não podemos enxergá-lo como uma salvação para todos os nossos problemas, nem tampouco, como uma possibilidade de aniquilar o modelo educacional já conhecido – o presencial.

A proposta deste artigo nasce com a necessidade de discutir sobre a realidade tecnológica que invadiu como uma possibilidade de praticar uma nova educação. Vamos apresentar um passeio histórico sob a educação desde seus primeiros passos chegando a um conceito atual; analisaremos um ator bastante importante que chega com a mesma intensidade a educação à distância, ou seja, o cid@dão virtu@l; e por fim detalharemos um dos papéis importantes do modelo educacional ead, como agente transformador de habilidades e valores.

Neste presente artigo não agirá como militante de uma proposta educacional tecnológica e sim no sentido de uma busca na reflexão, discussão e conscientização de que essa proposta como estudo muito pouco fora discutido, podendo muito ainda ser pesquisado até o esgotamento de suas indagações. Portanto, fazemos um convite à leitura crítica a luz dessa concepção educacional.

ERA UMA VEZ...A EDUCAÇÃO...

Egípcia como todo o seu legado e conhecimento acumulado que muitos nos ensinaram a toda uma civilização posterior. O Egito sendo uma das primeiras civilizações da antiguidade, muito colaborou no sentido de uma formação em sociedade, por delimitar em castas toda sua população. Porém, a sedução deste povo não pára por aí, sem sombra de dúvida, o Egito nos deu de presente o início de uma tecnologia bastante eficaz para época, como: a escrita, o conhecimento da agricultura, da construção de suas pirâmides (marco inicial para a construção civil), medicina (importante para embasamento dos corpos de seus faraós), conhecedores da astronomia, arte e riqueza no interior de suas construções, vestuários e lendas a fim de reforçar sua cultura.

No simples relato acima apresentado, podemos perceber que o Egito consegue trilhar um desenvolvimento embasado no seu conhecimento, portanto, podemos acreditar que a educação e consequentemente os estudos realizados em cada área foi a chave para conhecer o até então desconhecido sobre tamanha gama de informações que os egípcios conseguiram ao longo de sua caminhada deixar para as novas civilizações.

Sendo a educação uma chave para a resolução de grandes problemas, torna-se interessante apresentar uma figura bastante fundamental na sociedade egípcia para que de fato o conhecimento ganhe *status quo* de supremacia em relação a outras castas. Segundo Manacorda a educação era vista como, “escola de formação para a vida política, ou melhor, para o exercício do poder.” (2006, p. 10).

Como os egípcios foram os pais da escrita, podem ser assim reconhecidos como os precursores da educação como objetivo de instruir a outras pessoas, mesmo que a um grupo restrito e poderoso. Manacorda apresenta a figura do sacerdote como sendo um dos responsáveis pelo educar, mostra ainda a relação de pai e filho a que era conferido. O autor nos indica nesse trecho a importância da figura sacerdote na sociedade egípcia, “Eis, por assim dizer, a imagem de uma relação mnemônica, repetitiva, baseada na escrita e transmitida autoritariamente do pai para os filhos.” (2006, p. 12).

O sacerdote na sociedade egípcia era visto como um homem cercado por sabedoria, e por isso uma parte da sociedade favorecida com a educação, conferia aos seus filhos a honra de aprender inúmeros conhecimentos com o sacerdote, portanto, a relação que existia entre mestre e aluno, era pautada no respeito como se fosse ensinamentos passados de pai para filho, vale ressaltar que tamanha era confiança dada ao sacerdote que era possível os sacerdotes aplicar algum tipo de penalidade severa,

castigos dolorosos aos seus estudantes, caso sentisse necessidade. Podemos perceber que a história acaba trazendo um pouco de entendimento no que se confere ao instrumento – palmatória muito utilizado na educação do século XIX.

De acordo com Manacorda “o falar bem é, então, conteúdo e objetivo do ensinamento.” (2006, p. 14), através desse relato apresentado se faz entender o poder que a fala nos remete, lembrem-se que estamos em uma sociedade bastante estratificado, sem nenhuma mobilidade social, cuja figura mais importante e poderosa é o faraó, e para que esta figura imponente seja respeitada, é importante uma boa oratória. Aliado a essa conjuntura apresentada na sociedade egípcia, o mesmo autor ressalva que “os alunos costumavam recitar juntos os textos a serem aprendidos, um uso, este também, destinado a perpetuar-se por milênios.” (2006, p. 19), podendo assim se fazer um entendimento sobre a preocupação dos sacerdotes em trabalhar com tarefas que facilitassem a memorização em grupo.

O sistema educacional na Grécia em contra partida do que já discutimos na egípcia, tem como fundamento, um crescimento da educação menos rígida, pois há uma democracia na atmosfera social grega, sendo o principal objetivo preparar os alunos a lidar com o poder, desenvolver uma boa oratória, ao passo que desenvolviam alguma atividade física. Os gregos conhecidos como os pais da democracia e a instituição de leis, deixando para as gerações subseqüentes ensinamentos valorosos com os seus grandes pensadores filósofos. Conforme Manacorda, “Platão, teorizando sobre isso, projetará uma educação dos guerreiros, para escolher entre estes aqueles que, na velhice, serão os governantes-filósofos.” (2006, p. 42).

Porém, a sociedade grega é cruel aos seus escravos, o que impossibilita a preocupação em oferecer qualquer tipo de educação, fadado então a uma série de humilhações e trabalhos arduos e submissos, Manacorda retrata que “a lei diz que um escravo não deve nem fazer ginástica nem unir-se nas palestras” (2006, p. 45).

Podemos analisar um aspecto grego bastante análogo ao princípio egípcio – a prática pelos castigos na condução do educar, Manacorda ressalta a seguinte passagem em seu livro, “(...) os colegas seguram, pelos braços e pelas pernas, a criança a ser punida, levantada com as costas para cima, enquanto um terceiro sob as ordens do mestre, a chicoteia (...)” (2006, p. 59-60).

Dando um salto para educação do Brasil no período de 1930, iremos observar algumas práticas coercitivas e basicamente um sistema educacional pautado no sistema “bancário”, cujo principal pensamento norteador era de que exclusivamente o professor é o detentor de todo e qualquer saber e cabe ao aluno receber todos os conhecimentos e informações depositando em seu saber. Romanelli destaca que, “(...) Nesse sentido, a educação é a mediadora entre o gesto cultural propriamente dito e sua continuidade.” (2007, p. 23).

Ainda na perspectiva de Romanelli, o período colonial fora marcado com representantes importantes em nosso humilde território, ou seja, a chegada da família real, e com visitantes tão ilustres começa a ensaiar uma nova cultura educacional na colônia, de acordo com a autora “Símbolos de classe, esse tipo de educação livresca, acadêmica e aristocrática foi fator coadjuvante na construção das estruturas de poder na Colônia. (...)” (2007, p. 36), percebe-se então que apenas ser dono de terras nessa colônia pouco agregava valor em seus relacionamentos, instaura-se então a busca por uma educação.

Alçando passos ainda maiores, chegamos ao século XX, onde a tecnologia se faz necessária em tudo que executamos, e claro que não pode ficar de fora as contribuições que os aparatos tecnológicos podem auferir ao sistema educacional. De acordo com Blikstein e Zuffo, “(...) Nunca se ouviu falar tanto de novas tecnologias para educação, e essa prenunciada revolução tecnológica tem unido setores da sociedade que nem sempre caminham juntos: educadores, universidades públicas e privadas, empresas e governo. (...)” (2006. p. 26).

Para esta nova era conta-se com o auxílio das tecnologias para promover uma socialização do conhecimento em épocas de informação on-line. A educação à distância deixa de utilizar velhos formatos, como educação por correspondência, ou até mesmo o veículo rádio, para fazer as usabilidade e portabilidades tão comuns à tecnologia deste século. Blikstein e Zuffo afirmam que “Em vez de transmissão unidirecional de informação, valoriza-se cada vez mais a interação e a troca de informação entre professor e aluno. (...)” (2006, p. 27).

Para os mesmos autores “não basta, introduzir tecnologias – é fundamental pensar em como elas são disponibilizadas, como seu uso pode efetivamente desfiar as estruturas existentes em vez de reforçá-las.” (2006, p. 27), vimos aqui uma ressalva bastante

importante no que diz respeito a não colocar a educação à distância como salvadora de todos os problemas, mas sim como uma grande ajuda. Como já vimos em outras culturas em épocas bastante distintas, não vale mais persistir em um modelo que coincide com a realidade nem necessidade de uma nova geração, vale o repensar de toda uma estrutura, porém sempre se valendo de uma consciência holística na formação de um ser humano pleno com seus deveres em sociedade.

O FRUTO DA METODOLOGIA À DISTÂNCIA: CID@DÃO VIRTU@L

Em tempos de era da informação, a tecnologia acaba sendo o pano de fundo para muitas inovações, e com isso acabam permitindo e inaugurando um novo ator da sociedade, que aqui chamaremos de cid@dão virtu@l. A educação à distância não mais lida com o aluno do perfil de educação bancária, ele como já foi dito é um ator de uma atmosfera inclusiva, livre, globalizada e em constantes mutações.

Lévy afirma que “o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já construído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanham uma situação, um acontecimento (...)” (1996, p. 16), ao refletir sob o conceito apresentado sobre o que é o virtual, pode-se concluir que o virtual não se refere ao alienado a uma realidade, nem tampouco um estado de imaginação sem nenhuma interligação com a realidade.

A cidade é um organismo, onde reúne uma gama bastante significativa de várias subculturas, portanto ao fazer um recorte de uma das células que compõem o conglomerado das cidades, chegaremos a concepção do cid@dão virtu@al, cidadão este que será o público da modalidade à distância. Não dá mais para aceitar uma educação bancária, exclusivamente conteúdistas, a sociedade suplica por uma postura de cidadão responsável e ético em suas ações sendo assim uma preocupação de uma nova releitura da educação primar os caminhos a fim de alcançar esse sucesso e resgatar tal compromisso que por muitos tempos apenas ficou na teoria.

Chegou à hora de não mais usarmos o conservadorismo como escudo e sim alçar vôos mais altos para o sistema de educação de nosso país. Veen destaca que “(...) Embora as sociedades humanas tenham crescido, seus mecanismos básicos ainda são muito parecidos. O que mudou é como valorizamos os diferentes de nossas vidas (...)” (2009, p. 19).

Para Veen, “(...) À medida que vemos a tecnologia, o conhecimento e as sociedades expandirem-se rapidamente, devemos passar a perceber que sempre haverá estruturas, uma história e limites para o que fazemos; a lição que temos de aprender é a de sermos criativos e ignorarmos obstáculos.” (2009, p. 25), ou seja, é necessário não mais culparmos a tecnologia sobre todos os desastres que a educação e todo o sistema vêm passando, não podemos também colocá-la na posição de salvadora, mas podemos vê-la como uma grande possibilidade e usufruindo de criatividade inseri-las no contexto adequado e satisfatório.

Ao utilizarmos a analogia do homo zappiens ao aqui chamado de cid@dão virtu@al, pode-se perceber que a busca acertar qual a proposta educacional mais adequada devido a ambos segundo Veen, “(...) demandam novas abordagens e métodos de ensino para que se consiga manter a atenção e motivação na escola. (...)” (2009, p. 27).

A cultura do cid@dão virtu@al muito se aproxima ao do homo zappiens devido a interação que acontece entre eles e a tecnologia, Veen faz uma ressalva importante onde destaca que “Na verdade, o Homo Zappiens nasceu com um mouse na mão, já sabia como manipular o controle-remoto da televisão com 3 anos, e com 8, já tinham seu próprio telefone celular. (...)” (2009, p. 35). Perceba que há um conjunto de fatores que promulgam para que isso aconteça, todos nós sabemos, porém o que não pode acontecer é a educação assistir a toda essa transmutação que passa a sociedade e nada a fazer, no mínimo que se espera dela é uma reformulação em seus conceitos, paradigmas e teorias.

A internet para o cid@dão virtu@al é um espaço reservado para interação de inúmeras possibilidades, sendo uma das mais importantes a geração do conhecimento, sendo assim um ponto chave para a educação à distância. Conforme Veen, “(...) A internet não é mais um ambiente de exclusão social. Ao contrário, une as pessoas de todas as origens socioeconômicas. (...)” (2009, p. 43).

Veen questiona a respeito que as “salas de aula feita com “giz e voz” não são interessantes para o Homo Zappiens. São aulas que contrastam muito com o seu modo ser. O contraste é muito grande para com sua vida fora da escola, em que ele tem o controle sobre as coisas, há conectividade, mídias, ação, imersão e redes. (...)” (2009, p. 47). No entanto, há quem pratica uma educação pautada no giz e voz, porém é importante se libertar de formas preconcebidas e permitir uma submersão a toda essa

nova conjuntura que propicia um horizonte repleto de potenciais comungando com as práticas do seu dia a dia.

HABILIDADES E VALORES COMO TRANSFORMADORES DO CIDADÃO VIRTUAL NA EAD

A modalidade de ensino à distância conta com uma vantagem bastante relevante no que tange a contribuição de habilidades e valores como transformadores do cidadão virtual, ao passo que toda a concepção metodológica envolvida neste sistema de ensino favorece a este aluno uma atmosfera inclusiva, participativa, interativa, que de fato e de direito promovam o conhecimento ao experimentar cada prática metodológica que lhe é conferida no modelo ead.

Segundo Esnaola e Alonso, *“Desde todos los tiempos, el saber há conservado esa peculiaridad de su origen centralizado en las figuras de autoridad que deseñaban las estrategias de intervención sobre los sujetos que debían iniciarse en las instituciones de control social (...)”* (2006, p. 23), como pode ser percebido na fala dos autores, há muito tempo o controle social que pairava pela sociedade agiu de modo extremamente participativo, devido a essa conduta temos como reação uma educação bastante castradora e que ainda hoje respira valores e habilidades pautados nessa cultura.

Vivemos em uma sociedade onde os valores éticos estão sendo deixados para segundo plano, o que não pode acontecer. A educação mais do que sempre tem que se mostrar alerta e resgatando o que fora perdido com o tempo, tendo os professores um papel muito importante para esse resgate, cabe o tratamento e questionamentos em suas variadas formas de inserir relevante contexto em torno da educação, ou seja, presencial e à distância.

Para Gómez,

“Los medios de comunicación y su lenguaje icónico, fundamentalmente, construyen una realidad social más preocupada por la estética que por la ética, en la que el espectáculo sin límites hipnotiza las conciencias y promueve la homogeneización sin permitir la crítica de las memorias (...)” (2006, p. 34).

Sem sombra de dúvidas utilizar a tecnologia para que a ética e a moral se promovam, certamente será encarada como um salto na concepção do ser concebido nesta era de informação e tecnologia.

Ainda com Gómez, o próprio salienta a importância que,

“La sociedad audio visual y su incomparable influencia han propiciado un cambio en el sistema de valores. La comunicación e la educación promueven, en su relación, un proceso de cambio crítico, cargado de incertidumbres e interrogantes, de manera que se ponen en juego valores fundamentales y aparecen otros cuyo porvenir es incierto.” (2006, p. 36).

Sendo a sociedade áudio visual influenciada por uma enxurrada de informações que acabem arranhando o caráter ético em muitas situações, cabe a proposta de educação à distância dialogar em sintonia com o que esteja acontecendo, porém sem perder o perfil ético do ser humano.

Para Lévy, “Estamos entrando na era pós-histórica. Uma forma cultural inédita está emergindo da indefinida recursão de um tipo novo de comunicação e processamento simbólico.” (1998, p. 37), certamente uma nova cultura se permite a nascer, mas não necessariamente devemos abolir por completo o que foi passado, tudo na história é levado em consideração e como sabe-se da real importância em rever o que já foi utilizado para formularmos um presente, temos que nos permitir esse diálogo.

CONCLUSÃO

O sistema educacional presente não pode estar dando conta à revolução cultural e social a qual se encontra, para tanto se faz necessário que os sistemas educacionais se permitam em dialogar com as parceiras, chamadas de tecnologias. Não há o que apontar no que diz respeito a quem está certo ou errado, muito pelo contrário, as possibilidades são inúmeras, sabe-se que a sociedade solicita com urgência um novo olhar, conseqüentemente uma nova metodologia para o cenário educativo.

Sinalizações foram feitas desde a concepção histórica da nossa educação, passando por um leque de opções chegando até a parceria das tecnologias frente a uma nova concepção de educar, para que de fato consiga entender, compreender e integrá-lo o que aqui chamamos de *cid@vão virtu@l*, ou mesmo *homo zappiens*, ou senão o aluno do futuro. Terminologias são inúmeras, porém o que vale ser discutido giro em torno dos seguintes pontos, como a educação deve proceder em relação à era da informação? Ou até mesmo como se fazer utilizar de uma infinidade de aparatos tecnológicos, que

certamente trarão os alunos a uma consciência ética, pautada em valores e habilidades sedimentados no social e não meramente nas habilidades técnicas?

O sentido de aprendizagem e conhecimento para o novo cidadão virtual deve se prevalecer nesse novo contexto educacional, onde a coerção e a proibição pregadas como certas não cabem mais neste espaço de interação, evolução, transformação, transdisciplinariedade a que estamos propondo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Capítulo de livro

BLIKSTEIN, Paulo; Zuffo, Marcelo Knorich. As sereias do ensino eletrônico. IN SILVA, Marcelo (org.). Educação online teorias práticas legislação formação coorporativa. 2 ed. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

ESNAOLA, Graciela Alicia; ALONSO, Angel San Martín. La identidad em la sociedad de la información: reconstruyendo la fragmentación. In PERES, Lúcia Maria Vaz; PORTO, Tania Maria Esperon (orgs.). Tecnologias da educação: terceiro relações entre imaginário, corporeidade e emoções. Araquara: Junqueira e Martins, 2006.

GÓMEZ, José Ignacio Aguaded. Estratégias para la edu-comunicación em la sociedad de las tecnologías audiovisuales. In PERES, Lúcia Maria Vaz; PORTO, Tania Maria Esperon (orgs.). Tecnologias da educação: terceiro relações entre imaginário, corporeidade e emoções. Araquara: Junqueira e Martins, 2006.

*Livro

LÉVY, Perre. O que é virtual? São Paulo: 34. ed. Coleção TRANS, 2006.

_____. A máquina universo: criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MANACORDA, Mario Alighiero. Historia da educação: da antiguidade aos nossos dias. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil: (1930-1973). 32 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VEEN, Win. Homo Zappiens: educando na era digital. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

SOBRE OS AUTORES

Patrícia Couto da Silva possui graduação em Administração com Hab. em Gestão de Negócios pela Fundação Visconde de Cairu (2006).

Raimundo Santos Leal possui Graduação em Administração pela UEFS (1982), Graduação em Filosofia pela UFBA (1999), Mestrado em Administração pela UFBA (1994) e Doutorado em Administração pela UFBA (2003). Atualmente é Professor do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social do CEPPEV da Fundação Visconde de Cairu e Professor Adjunto do Departamento de Estudos Organizacionais da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Análise Organizacional, atuando principalmente nos seguintes temas: Gestão Organizacional, Análise Organizacional, Educação Corporativa, Filosofia Organizacional; Estética Organizacional.